Caderno de aves

Isabel Zapata

Caderno de Leituras n. 125 **Tradução Gabriel Bueno da Costa**

Caderno de Leituras n. 125

Caderno de aves

Isabel Zapata

Tradução Gabriel Bueno da Costa

Nota da editora

Este texto foi publicado originalmente em: Isabel Zapata, “Cuaderno de Aves”. In: *Alberca Vacía/ Empty Pool*. Coleção Polifemo. Edição bilíngue. Tradução de Robin Myers. Cidade do México: Argonáutica, 2019, pp. 47-57. Agradecemos a Isabel Zapata a autorização para esta publicação.

Dizem que Hokusai comprava pássaros para libertá-los.

José Watanabe

1.

É uma mentira muito disseminada que os animais carecem de senso estético. Não somos os únicos que voltamos de viagem com objetos que fixam uma lembrança incapaz de se sustentar por si só. Os pássaros arquitetos, que vivem ao norte da Austrália e na Nova Guiné, constroem círculos de terra e pequenos casebres nos quais acumulam objetos para atrair as fêmeas: varinhas, tampinhas de garrafa, pedras, moedas, pedaços de vidro ou de osso. Fazem túneis, erguem muros de gravetos, juntam tudo por cores e pintam os raminhos com bagas e carvão úmido. Preferem aquilo que brilha. Às vezes o ritual de acasalamento fracassa e a casa desmorona, mas não importa: é sempre possível reconstruir, e ninguém tem de se preocupar com o que ocorrerá a esses objetos quando seus donos já não estiverem, nem pensar aonde irão parar quando chegar a hora de fazer o inventário.

2.

Com a intenção de materializar a ideia cartesiana de que os animais são autômatos com funções corporais puramente mecânicas, Jacques Vaucanson construiu um pato de cobre com quatrocentas peças móveis que era capaz de comer, beber, nadar, esticar o pescoço e até digerir e defecar grãos por um sistema de tubos de borracha. O animal foi apresentado com sucesso na mostra de Paris de 1757 e mantido em exibição durante mais de quarenta anos pela Europa.

O pato de Vaucanson batia as asas de maneira tão realista que pequenos patos de verdade o perseguiam em fila, o que os entusiastas da mecânica interpretaram como um primeiro passo no caminho até a transformação da matéria em tecidos vivos e a eventual replicação artificial de processos fisiológicos. Hoje sabemos que os patos fixam sua atenção na primeira entidade que encontram ao sair do ovo (seja ou não da mesma espécie), reconhecem-na como sua mãe e a seguem para onde for. Levou quase duzentos anos para que o zoólogo austríaco Konrad Lorenz descobrisse esse fenômeno e lhe desse o nome de *cunhagem*. Os patos são ingênuos, mas nós somos mais.

3.

Gosto mais da palavra *ave* que da palavra *pássaro*: com *ave* imagino o animal no ar e com *pássaro* penso nele quieto no galho de uma árvore ou recolhendo com o bico as migalhas do asfalto. *Ave* é uma palavra de ar, *pássaro* de terra.

Pássaro, do latim *passar*, significa pardal: a família dos *passeriformes*, a ordem de aves que abarca mais da metade de suas espécies é a "dos que têm forma de pardal". Portanto todos os pássaros são aves, mas nem todas as aves são pássaros. As galinhas, por exemplo. O oposto do que eu pensava: para mim uma galinha é mais um pássaro que uma ave, porque passa quase todo o tempo ao rés do chão. Mas devo admitir que seria estranho chamar pássaro um avestruz, um pinguim ou um condor.

Tenho um amigo que tem medo das aves. Medo não, terror: ornitofobia. Foge das pombas nas praças, evita o corredor dos frangos nos mercados e sonha com frequência que uma revoada se lança contra a janela de seu quarto e todas as aves terminam mortas no parapeito. Tem nojo da palavra "uropígio".[1]

Ele não sabe exatamente de onde vem sua fobia e tampouco tem grande interesse em averiguar isso. Uma vez, criança, um peru confundiu seus olhos com grãos de milho no sítio de uma tia. Alguns anos depois, quase desmaiou quando um abutre abriu suas asas gigantescas diante dele em um aviário. Ou talvez ele simplesmente fosse muito pequeno quando viu o filme de Hitchcock. Nunca lhe perguntei, mas poderia quase garantir que ele prefere a palavra *pássaro*.

1 No original *rabadilla*, significa a parte traseira da ave na qual nascem as penas da cauda. [N. T.]

4.

Flaubert teve um papagaio dissecado sobre sua mesa durante os três meses em que escreveu “Um coração simples”. O fantasma emplumado lhe servia, conforme relata a Madame Brainne em uma carta, para encher o cérebro com a ideia do papagaio enquanto imaginava a história de *Félicité, a criada normanda a quem o pássaro deu os poucos momentos felizes de sua vida*. O animal sobrevive duplamente: um exemplar está no Museu da História da Medicina de Rouen, no hospital onde em algum momento trabalhou o pai de Flaubert, e outro na casa de sua família em Croisset. Os dois locais afirmam ter provas escritas de que são proprietários do verdadeiro papagaio. Os dois têm *a ideia do papagaio,* e tudo bem: no fim das contas, tudo é cópia de outra coisa.

5.

Somos o que eles estão nos dizendo.

6.

Os golfinhos costumam fazer uma trincheira ao redor de seus mortos para evitar a aproximação de alguém. Quando morre um chimpanzé pequeno, a mãe leva consigo o cadáver até que o processo de decomposição o torne irreconhecível. Nos dias seguintes à morte da elefanta Eleanor, na Reserva Nacional de Samburu, os elefantes de cinco manadas distintas se aproximaram do corpo: cheiravam-no e o tocavam com as patas, inclinavam-se diante dele enrolando a cauda e movendo-lhe o crânio com as presas.

Os pássaros também sofrem por seus mortos. Na segunda-feira, 25 de setembro de 2000, Mario Levrero anotou em seu diário da bolsa de estudos a descoberta de uma pomba morta no terraço vizinho. Junto a ela havia uma pomba viva, que identificou como sua viúva. *Em certo momento tive a impressão de que a viúva não estava exatamente em atitude de luto, mas de espera; como se pensasse que o estado do cadáver fosse reversível*. Suas suspeitas se confirmaram quando, com o soprar do vento, as asas da morta começaram a se agitar em uma falsa tentativa de voo e a viúva pôs-se a caminhar nervosa de um lado para outro, como se a qualquer momento a vida fosse voltar de súbito para sua companheira.

7.

É possível migrar em pequenos espaços. Por exemplo, em uma casa. Natalia Ginzburg diz:

> Existe algo de que não nos curamos, e passarão os anos e não nos curaremos nunca. Talvez tenhamos um abajur sobre a mesa e um jarro com flores e os retratos de nossos entes queridos, mas já não acreditamos em nenhuma dessas coisas, porque tivemos uma vez de abandoná-las de repente ou as buscamos inutilmente entre os escombros.

Todos já buscamos a casa inutilmente entre os escombros.

Nos dias anteriores a sua morte, meu pai sonhava que havia escorpiões em seu quarto. Passou a penúltima noite em claro, despertando minha irmã a todo momento para lhe dizer que caíam escorpiões do teto, que subiam pelos pés de sua cama, que por favor se levantasse para ajudá-lo a matar escorpiões. Falava fazendo sinais com as mãos, desconcertado, como traduzindo-se de um idioma que vinha de longe.

A casa desmorona, se constrói e volta a desmoronar. Mas algo sempre se conserva, espaços que excedem seu território, posses que não é necessário colocar em caixas nem resgatar do desmoronamento porque são impossíveis de perder. Paredes que não se desmantelam porque sua estabilidade é de outra índole. Nova definição de lar: algo que se (re)constrói todos os dias. Outra maneira de migrar?

8.

Quando era menina, um dia chegamos em casa e encontramos um falcão ferido no lavabo. Estava ridículo junto às caixinhas de cotonetes. Como não podia voar, nós o colocamos em uma gaiola, e de imediato ele enterrou a cabeça em seu próprio corpo, como envolvendo-se em uma túnica de si mesmo. Não soubemos se o pássaro teve medo de nós.

Nós lhe demos o nome de Hórus. Com o passar dos dias, desenterrou a cabeça e começou a palpitar sem se mover. Vimos como retirava o coração dos frangos crus e as sementes das frutas sangrentas: ameixas, vísceras, romãs, veias, tendões, morangos. Logo o soltamos na montanha e olhamos para ele enquanto alcançou nossa vista. Éramos nós dentro da jaula.

9.

O pai de Julius Neubronner, boticário, usava pombas para enviar medicamentos urgentes. Uma vez, uma delas desapareceu durante quatro semanas e voltou sadia, como se nada tivesse ocorrido. A família queria saber onde havia estado, por isso Neubronner projetou uma armadura de alumínio e pendurou nela uma câmera que disparava automaticamente. Era 1907.

Em princípio, Neubronner desenvolveu seu método fotográfico com fins meramente práticos (como averiguar quem estava alimentando sua pomba favorita, e por quê). No processo, encontrou algo que naquele momento era extraordinário, embora tenha deixado de sê-lo: as fotografias tomadas a partir do céu. As pombas mostraram edifícios acomodados como cubos para crianças, pessoas tamanho inseto, traços metálicos de vias de trem no pavimento de Frankfurt.[2]

2 Sobre Neubronner, as pombas e as imagens, ver artigo de J. Rigg, "Dr. Julius Neubronner's fantastic flying cameras". Disponível em: <https://www.engadget.com/2018-07-20-backlog-pigeon-cameras.html>. Ver também "Dr Julius Neubronner's Miniature Pigeon Camera". Disponível em: <https://publicdomainreview.org/collection/dr-julius-neubronner-s-miniature-pigeon-camera>. Acesso em: 20 fev. 2021. [N. E.]

Em uma das fotografias aparece o Schlosshotel Kronberg. A linha do horizonte está inclinada, como um barco que naufraga, e em um canto se ergue a fachada do castelo entre as árvores. As pontas das asas da pomba aparecem em primeiro plano, em contraste com a amplitude da paisagem, colocando quem a olha no ponto exato em que foi tomada.

Quem está por trás dessa lente? Neubronner, que programou o disparador automático? A pomba, que carrega em seu corpo o peso da câmera? Nós, que observamos a imagem alada mais de cem anos depois? Suspeito que Neubronner não se deteve em nenhuma dessas questões, mas respondeu àquela que lhe importava mais: nas quatro semanas de ausência, sua pomba esteve sob os cuidados de um chef em Wiesbaden, às margens do Reno. Não se conservam fotografias do rio.

10.

O artista Jimmie Durham se surpreendeu ao ver corvos brancos quando visitou Roma pela primeira vez. Em seu mundo, todos os corvos eram negros. Quando um ornitólogo lhe explicou que os corvos do Oeste são negros e os do Leste podem ser brancos ou cinza, Durham, que havia estado refletindo sobre a divisão entre Ásia e Europa, encontrou naquela classificação a resposta às suas elucubrações. Os continentes não eram determinados por suas estruturas sociais nem por sua produção cultural, a divisão não estava marcada por montanhas, rios, falhas geológicas. A fronteira eram os corvos.

Talvez o mundo inteiro pudesse ser conhecido por seus pássaros. Seria necessário levantar a vista e mantê-la em constante movimento para aprender a observar os voos.

Caderno de Leituras n. 125

Caderno de aves
Cuaderno de aves
Isabel Zapata

Edição
Maria Carolina Fenati

Tradução
Gabriel Bueno da Costa

Revisão
Luísa Rabello
Andrea Stahel

Projeto gráfico
Luísa Rabello

Coordenação da coleção
Luísa Rabello
Maria Carolina Fenati

Composto em Noe Text e Acumin

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, abril de 2021
Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos
da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização

PROJETO REALIZADO PELA SOCIEDADE CIVIL COM RECURSOS ORIUNDOS DA POLÍTICA DE FOMENTO À CULTURA MUNICIPAL

Incentivo

LMIC LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA

CULTURA

PREFEITURA BELO HORIZONTE
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

Projeto 1094/2020